

A ROMANTIZAÇÃO DA MATERNIDADE NOS DIAS ATUAIS E OS IMPACTOS CAUSADOS NA VIDA DAS MULHERES

Maria Vitória Silva Correia¹

Thaynara Larissa Nascimento dos Santos²

Karolline Hércias Pacheco Acácio³

Psicologia



**cadernos de
graduação**

ciências humanas e sociais

ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

A representação da mulher, ao longo dos anos tem sido associada a um ser que nasceu com o propósito de formar uma família e também à uma realidade utópica onde há sobre elas um desejo de ser mãe e um instinto maternal enraizado nas mesmas. Nos dias atuais, mesmo com toda independência conquistada pelas mulheres essa imposição ainda persiste. Considerando os conceitos que desde sempre a sociedade vem impondo às mulheres sobre a ideia de que o seu lugar no mundo é o de cuidar do lar e gerar filhos, o presente artigo tem como objetivo compreender o conceito de mulher e mãe frente a história da sociedade e os efeitos na mulher e mãe contemporânea. Para tanto foi realizado uma revisão narrativa, de abordagem qualitativa e origem exploratória, por meio de coleta de dados através da sintetização de livros e artigos das bases de dados como SciELO, CAPES, BVs e Google Scholar no período de 2011 a 2021. Obtendo como resultados o que a sociedade compreende como o conceito de mulher e maternidade e de que maneira esse conceito pode influenciar a vivência dessas mulheres durante esse momento.

PALAVRAS-CHAVE

Maternidade; Gravidez; Mãe; Mulher.

ABSTRACT

The representation of women, over the years, has been associated to a being who was born with the purpose of building a family and also with an utopian reality where there is, over them, a desire to be a mother and a maternal instinct rooted in them. Nowadays, even with all the independence conquered by women, this imposition still persists. Considering the concepts that society has always been imposing in women about the idea that their place in the world is to take care of the home and bear children, this article aims to understand the concept of women and mothers in the face of society's history and the effects on contemporary women and mothers. For this, a narrative review was carried out, with a qualitative approach and explanatory origin, through data collection through the synthesis of books and articles from databases such as SciELO, CAPES, BVs and Google Scholar in the period from 2011 to 2021. Obtaining as results what society understands as the concept of women and maternity and how this concept can influence the experience of these women during this time.

KEYWORDS

Maternity. Pregnancy. Mother. Woman.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo compreender o conceito de mulher e mãe frente a história da sociedade e os efeitos na mulher e mãe contemporânea. Desde o princípio do que é conhecido como sociedade e ao longo dos anos, inúmeros discursos sociais têm constituído e reforçado o papel da mulher como a imagem de um ser que nasceu para viver a maternidade. A mulher sempre teve dificuldade em encontrar, compreender e afirmar seu lugar na sociedade, e por muito tempo cabia a ela a condição de dona do lar e mãe.

A relevância desse trabalho está na proposta informativa acerca do que compõe o conceito de mãe e mulher na contemporaneidade, uma vez que as literaturas utilizadas apresentem contribuições para a compreensão dos desafios que a mulher enfrenta durante a transição para a maternidade e a conciliação com suas obrigações cotidianas, ainda há socialmente uma idealização do que de fato significa ser mulher e mãe na sociedade moderna (PESCE; LOPES, 2020).

A romantização não prepara a mulher para as mudanças que ocorrem durante o período gravídico ou para o que de fato é criar um filho, vale ressaltar também que a relevância promovida pelo trabalho não beneficiará somente as mulheres que pretendem vivenciar a maternidade como também seus parceiros, familiares, comunidade acadêmica e profissionais da psicologia.

Vale (2015) aponta que desde as narrativas sobre a pré-história, a mulher é considerada alguém de corpo frágil, sempre associada a estar dentro de casa e as tarefas

de fundo, como cozinhar, limpar, os cuidados com os filhos e as atividades artesanais, como a olaria e a tecelagem (CIRNE; HENRIQUES, 2012) dando ao homem a responsabilidade de trabalhar no campo, na pesca, caça, pastorear e proteger os bens da família. Em algumas culturas a mulher também foi e é associada a algo sagrado, por ser responsável por gerar uma nova vida, por ser aquela que alimenta durante os primeiros meses/anos de vida e também aquela que forma durante os primeiros anos aqueles que um dia serão homens (VALE, 2015).

Em meados dos anos 1960, o movimento feminista permitiu à mulher ter o princípio da conquista de independência, tendo Simone de Beauvoir e seu discurso em "O segundo Sexo" (1949) como uma divisão na história da mulher que de acordo com Mano (2019) a obra transcendeu à época de seu lançamento. Inspirou e provocou inúmeros trabalhos posteriores de teóricas feministas. Esse movimento foi o que deu início ao processo de liberdade feminina e permitiu que elas pudessem desprender-se da visão da mulher meramente voltada para a experiência da maternidade.

O avanço da tecnologia e o acesso à internet tem dado a milhares de mulheres a oportunidade de terem contato com o movimento feminista, ampliando cada vez mais a reflexão sobre o que é ser mulher na sociedade moderna (MELLO, 2017), ou seja, mesmo diante das resistências em relação ao movimento feminista, somente após ele que às mulheres conquistaram certos espaços na sociedade.

Segundo Badinter (2011) no final de 1970, a fim de minimizar a reprodução, as mulheres desejam a conquista de seus direitos fundamentais, como por exemplo, a liberdade e a igualdade (em relação aos homens) que elas pensam ter aptidão de conciliar com a maternidade. Anteriormente a 1970, a criança era tida como resultado de todo casamento, então as mulheres engravidavam sem se questionarem, como forma de cumprir um dever implícito no contrato de casamento. A reprodução era vista como algo do instinto materno, dívida religiosa e/ou continuação da espécie (BADINTER, 2011).

A pauta sobre maternidade é um assunto que todas as mulheres em algum momento da vida serão questionadas ou obrigadas a refletir, tanto mulheres que tem o desejo de viver a maternidade quanto as que não querem engravidar, sentem algum tipo de cobrança, no segundo caso, são contestadas por não querer viver o que lhe foi designado como destino natural de todas as mulheres (CÉSAR; LOURES; ANDRADE, 2019).

A maternidade e as virtudes pressupostas por ela não são evidentes. Nem atualmente, nem no passado, quando era um destino obrigatório. Optar por ser mãe não garante, como a princípio se acreditou, uma melhor maternidade (BADINTER, 2011) visto que há inúmeros fatores que contribuem para o bem-estar tanto da mulher, quanto do bebê e esses fatores nem sempre podem ser controlados facilmente.

Na contemporaneidade as mulheres têm levado em consideração as possíveis consequências de viver a maternidade visto que essa não é mais uma visão tão atrativa para elas (BELTRAME; DONELLI, 2012) pela primeira vez, elas estão tendo a oportunidade de ter certa liberdade de escolha, e ainda assim, esse não tem sido o maior empecilho para que elas repensem sobre engravidar ou não, mas poder usar tal liberdade para experimentar pensar mais em si e quais lugares ocupar na sociedade.

O período gestacional é definido por Moraes e Fonseca (2020) como um momento de mudanças biopsicossociais na mulher, desencadeando alteração no seu psiquismo e em seu papel sócio familiar. Essas alterações vividas pela mulher devem ser acompanhadas e apoiadas por familiares ou amigos para que a rede de apoio da mulher possa contribuir na minimização das inseguranças que podem aparecer, inclusive, quando associadas à presença de patologias. (PIO; CAPEL, 2015)

Apesar da gravidez ser um período de transições, não significa que após o parto acabe o período crítico, o puerpério deve ser considerado uma continuação do período de transformação, pois, segundo Maldonado (2017) o puerpério, assim como a gravidez, é um período vulnerável a crises, devido às mudanças desencadeadas pelo parto e pelo nascimento do bebê.

2 MÉTODO

Neste trabalho, foi realizada uma revisão narrativa de ordem qualitativa e caráter exploratório. Os artigos de revisão narrativa são uma análise bibliográfica pormenorizada, referente aos trabalhos já publicados sobre o tema, é indispensável não somente para definir bem o problema, mas também para obter uma ideia precisa sobre o estado atual dos conhecimentos sobre um dado tema, as suas lacunas e a contribuição da investigação para o desenvolvimento do conhecimento. (BENTO, 2021). Esse tipo de pesquisa, constitui-se, basicamente, de análise da literatura publicada em livros, artigos de revista impressas e/ou eletrônicas na interpretação e análise crítica pessoal do autor.

Esse conjunto de artigos são fundamentais para a educação continuada, uma vez que, permitem aos leitores a aquisição e/ou atualização de conhecimento sobre um tema específico. Desta forma buscou-se por meio das pesquisas realizadas compreender o conceito de mulher e mãe frente a história da sociedade e os efeitos na mulher e mãe contemporânea. As pesquisas foram realizadas por meio de livros e artigos das bases de dados como SciELO, BVS e Google Scholar no idioma português, com as palavras-chave maternidade, gravidez, mulher, mãe, abordando a maternidade e todas as mudanças resultantes desse estado: físicas, emocionais e comportamentais vividas pelas mulheres.

A bibliografia é datada de publicações de 2011 a 2021, no idioma português. Durante as pesquisas foram encontrados 2.490 artigos relacionados ao tema romantização da maternidade, dentre eles, 12 explanaram melhor o tema de acordo com os objetivos criados para o trabalho. Foram encontrados 81.100 artigos sobre conceito de ser mulher, sendo escolhidos sete que relataram o conceito de ser mulher desde a pré-história até os dias atuais.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 O CONCEITO DE SER MULHER E MÃE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Uma análise acerca dos períodos vividos pela sociedade, desde as primeiras civilizações até a atualidade é possível compreender o momento em que surgiu uma divisão entre o que se considera lugar do homem e lugar da mulher em sociedade, essa separação atribuiu características e limitações que perduram e são impostas nas mulheres até os dias atuais. De acordo com Tedeschi (2012)

As mulheres nunca estiveram ausentes da história, embora a historiografia oficial as tenha esquecido. Pesquisadoras(es) tem se debruçado sobre estudos da história das mulheres e suas lutas em todos os processos civilizatórios. Além disso, as mulheres têm garantido o seu lugar de cidadã na vida, no mundo e na própria história. (TEDESCHI, 2012. p. 9).

Durante a pré-história, período retratado por Gosden (2012) como um conjunto de lugares, artefatos e paisagens do passado utilizados para compreender o presente aplicando indícios existentes no contexto de seu ambiente na época, tanto físico quanto social. Houve três subdivisões que relatam o modo como os indivíduos viveram, o período paleolítico as pessoas eram nômades e não existia separação entre homem e mulher, mesmo com a separação biológica, a realização das atividades de sobrevivência era dever de todos, no período mesolítico por meio da religiosidade as mulheres passaram também a ser associadas a fertilidade, essa relação da mulher à fertilidade surgiu do culto às deusa.

Vale (2015) aponta que a mulher era considerada a representação do sagrado, sendo seu corpo abrigo do sagrado e do profano, a ligação refere-se à maternidade, a reprodução do homem e do que brota na terra. Por fim o terceiro e último período da pré-história nomeado de neolítico, que deu início ao processo de separação de sexo na realização das atividades, dando ao homem o espaço público e as mulheres o privado (LIMA, 2016).

Sousa e Guedes (2016) afirmam que a limitação da vida das mulheres ao espaço privado perdura até hoje, sendo base para discursos associados à naturalidade do feminino para o cuidado e a suposição da existência de uma natureza feminina à maternidade sendo marco para desvantagens da mulher em relação ao homem dentro do crescimento econômico e social. O processo de dissociação da mulher às atividades domésticas acontece de forma demorada, a saída da domesticidade ocorreu a princípio para ser escritoras e professoras, segundo Oliveira (2017) no final do século XIX, no Brasil já existiam mulheres que sabiam ler e escrever, o que se levado em consideração é um ponto importante, visto que durante o período colonial (XVI-XIX) a educação não era valorizada.

Conforme Badinter (2011) a partir do momento que as mulheres começaram a ter controle em relação a fecundidade, surgiram quatro episódios que envolvem todos os aspectos do desenvolvimento, são eles: aumento da idade média da maternidade, queda da fecundidade, crescimento da quantidade de mulheres no mercado de trabalho e, ainda, vários modelos de vida feminina.

Foi durante a Revolução Industrial que a mulher de fato foi inserida no mercado de trabalho, elas foram introduzidas ao trabalho nas fábricas junto aos homens, durante as crises financeiras eram prioridade por serem uma mão de obra barata e com essa inserção, a mulher passou a ter jornada dupla, sendo trabalhadora remunerada e tendo que dar conta do trabalho doméstico (OLIVEIRA, 2017).

Quase que de forma imperceptível, entre 1980 e 2010 houve uma revolução no nosso entendimento sobre a maternidade. Nenhum argumento e/ou polêmica acompanhou essa revolução ou involução. Porém, seu objetivo foi de recolocar a maternidade como sendo destino das mulheres (BADINTER, 2011).

Barbosa e Rocha-Coutinho (2012) apontam que, a aceção feita acerca das características femininas relacionadas à função de ser mãe andou em conjunto com uma discriminação em massa das mulheres, pois, diante disso, a elas foram negados todos os saberes socialmente valorizados no âmbito público. A exaltação e anulação da mulher em prol dos filhos e da família surgem no discurso social como valores fundamentais e particulares da natureza feminina (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2012).

Considera-se que atualmente a mulher vem se estabelecendo em novas representações além da maternidade, Ferrari e Ribeiro (2020) apontam que os valores individuais, o trabalho como projeto de vida para benefício próprio e não apenas sobrevivência e os métodos contraceptivos como forma de controle de natalidade foram definindo o lugar da mulher contemporânea. A posição de independência da mulher fez com que existisse a necessidade de adaptações, o cuidar que era um dever exclusivo da mulher e por muito tempo a maternidade foi - e ainda é - considerada uma restrição, agora passou a ser adaptado ao modo de vida que a mulher opta por ter, ou seja, mulheres que se tornam mães tem novas opções além de deixar suas vidas individuais de lado para cuidar dos filhos.

3.2 O MITO DO AMOR MATERNO

De acordo com Maldonado (2017) às revisões históricas sobre a maternidade abrem espaço para o questionamento da existência de um "instinto materno". Esses autores mostram que a exaltação do amor materno é fato relativamente recente na história da civilização ocidental. É só no final do século XVII que tem início a exaltação do amor materno, no discurso filosófico, médico e político (MALDONADO, 2017).

Há alguns anos, o amor materno vem sendo compreendido em diversas civilizações como algo instintivo da natureza feminina. Este é um pensamento enraizado de um ponto de vista naturalizado da maternidade, onde o principal foco está na condição biológica para reproduzir (ARTEIRO, 2017).

Nesse sentido, a gestação e o nascimento de uma criança deveriam espontaneamente trazer o surgimento do instinto que torna a mulher/mãe a cuidar do seu filho. Segundo Badinter (2011) o desejo de ter filhos não é nem constante, nem universal. Algumas os querem, outras não os querem mais, outras, enfim, nunca o quiseram. Já que existe escolha, existe diversidade de opiniões, e não é mais possível falar de instinto, ou de desejo universal.

Na perspectiva social, é bem mais adequado acreditar na ideia de que toda mulher que gerar uma criança tem condições de cuidar, a crer que existe o desamparo de crianças que não tiveram mães capazes de “amá-las”. Em contrapartida, existem críticas problematizadoras do sentimento materno, levando em conta que amor e dedicação aos filhos não são universais, e nem abrangem todos os contextos históricos (BADINTER, 2011).

Badinter (2011) sugere desmistificar o pensamento de que a mulher se realiza somente com a maternidade. Para tanto, a autora indaga sobre a “ideologia maternalista” e o propósito da mulher no “ser mãe”. Entende-se que uma vez instaurado, o Mito do Amor Materno foi inscrito na memória familiar dos indivíduos e transmitido entre as gerações como uma crença irrefutável a partir do fim do século XVIII (RESENDE; BEDRAN, 2017).

Assim, vista como algo intocável e fora de diálogos, a maternidade começou a ser algo do instinto da mulher, a mesma que sentir-se-ia realizada ao ser mãe. Badinter (2011, p. 20) expõe o amor materno como sendo um “dogma inquestionável da subjetividade daquela que não desejaria nada mais do que ser a mãe perfeita”. Nesse sentido, a autora menciona que a criança seria representada como objeto da suposta “natureza maternal da mulher”.

3.3 A MÃE: SOFRIMENTOS CAUSADOS A ESTAS MULHERES FRENTE A ESSE PAPEL

A maternidade é considerada o ponto principal da formação e conservação de ideologias de gênero, é também uma construção social que constantemente sofre alterações a depender de contextos histórico, político e econômico, segundo afirma Araújo (2014). Apesar de haver todo um contexto histórico que afirma que a maternidade não é algo instintivo da mulher, atualmente ainda é algo que sofre excessiva romantização pela sociedade e, como consequências dessas idealizações, às contrariedades que às mulheres encontram durante o período gestacional, puerperal e durante toda a maternidade são ignorados e negligenciados pelo meio social, contribuindo para o sofrimento dessas mulheres (CARVALHO *et al.*, 2013; SCHWOCHOW *et al.*, 2019).

Segundo Schwochow e outros autores (2019) às adversidades encontradas na maternidade abrange os transtornos psiquiátricos que são próprios do período puerperal, como por exemplo, a depressão e os sintomas psicofuncionais da criança. Os autores afirmam que a saúde mental das mães nesse momento sofre alterações biopsicossociais significativas.

O período conhecido como puerpério é entendido por Souza e outros autores (2013), como um processo de transição no qual a mulher passa a ser perceptivelmen-

te confusa e sensível, podendo aparecer sintomas ansiosos e depressivos, sendo as emoções complexas e intensas. Ainda, a mulher vivencia a perda parcial de sua autonomia, uma vez que assume diversos papéis na sociedade.

O momento puerperal é um estressor em potencial com sintomas altamente semelhantes aos da depressão. As alterações ocasionadas durante esse período causam grande comprometimento às mães, são elas: baby blues, depressão pós-parto e a psicose pós-parto. O baby blues é conhecido como uma fase transitória e não é configurado como transtorno, porém acomete cerca de 50% a 85% das mulheres com até dez dias após o parto (PRENOVEAU *et al.*, 2013).

Em relação à psicose pós-parto, é uma condição um pouco mais grave e com baixa frequência na população, acometendo cerca de uma mãe a cada 1.000 mulheres. Geralmente, ocorre duas semanas após o parto, dentre os sintomas, estão: ansiedade severa, alucinações e delírios; exigem tratamento terapêutico e medicamentoso intensivo, além de supervisão, uma vez que existe a possibilidade de suicídio ou agressões ao bebê (SCHARDOSIM; HELDT, 2011; DSM-V, 2013).

Segundo o DSM-V (2013, p.94) a depressão pós-parto "ocorre nas quatro semanas logo após o parto, tendo, frequentemente, início durante a gestação". Esse transtorno apresenta algumas particularidades com grande possibilidade de comorbidade com estresse, ansiedade e sintomas obsessivos-compulsivos, com baixa frequência de suicídio e lentidão a resposta medicamentosa, é indicado que haja mais de uma medicação (PRENOVEAU *et al.*, 2013).

Para além do que foi mencionado, existe outro fator que causa sofrimento às mulheres-mães, o estresse. De acordo com Rodrigues e Schiavo (2011) o estresse é uma série de respostas do organismo para agir diante de alguma coisa que o estimulou. Na gestação, o estresse está presente em momentos específicos, como enjoos, gravidez não planejada, medo do ganho de peso em excesso no início da gravidez e medo de como será o parto, na metade da gestação. Já no puerpério, o estresse está diretamente relacionado com a adaptação e a recuperação da mulher, coincidindo com o momento em que a mulher terá que reorganizar o seu dia a dia, o que inclui o bebê na sua rotina (RODRIGUES; SCHIAVO, 2011).

Perante as consequências sofridas pelas mulheres diante da maternidade é necessário que haja maior cuidado com mulheres-mães e que esse cuidado seja incluído em programas e ações de saúde pública, pois a pauta não deve ser somente na reprodução feminina, mas em como essas mulheres sentem-se frente a maternidade (CORRÊA; SERRALHA, 2015).

4 CONCLUSÃO

Analisar o contexto histórico da mulher ao longo dos anos permitiu que houvesse a compreensão sobre como constituiu-se o conceito de mulher e maternidade. O estigma criado em cima da mulher é de que elas nasceram para o coletivo, com valores e projetos de vida pautados em ser mãe e dona de casa.

De acordo com a literatura utilizada, a concepção de maternidade que a sociedade tem é de um momento ansiado pelas mulheres, onde todos os acontecimentos são esperados e por ser o corpo feminino o responsável para gerar o bebê, o sofrimento só acontece e por consequência finaliza na hora do nascimento. Essa concepção pode - e na grande maioria dos casos - gerar sofrimento tanto para a mulher quanto para o (a) companheiro (a) e familiares que vivem esse momento junto a mãe, intensificando-se em mulheres que não possuem uma rede de apoio.

Atualmente, com a constante luta por um lugar em sociedade, as mulheres têm conseguido valorizar seu individualismo, realizando-se como um ser com crenças, vontades, sonhos e projetos de vida que podem ou não estar incluso querer vivenciar a maternidade, ou vivê-la sem precisar passar pelo período gravídico – adoção – sem precisar pedir ao companheiro ou responsável para esse feito.

A revisão literária realizada no trabalho aponta a maternidade como ela de fato é, um momento de mudanças internas e externas que há a possibilidade de ser doloroso e por vezes, é incompreendido, se analisado por quem não a vivenciou ou por quem vivenciou de uma maneira diferente, sendo também uma mudança que não acaba quando o bebê nasce, mas perdura para o resto da vida das mulheres.

Com isso, também há uma percepção acerca da necessidade de estudos que exponham cada vez mais os efeitos da romantização na vida das mulheres-mães, dando importância não somente as interferências no âmbito do trabalho, mas na sua vida de maneira geral.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, E. L. **Representações sociais da maternidade por mulheres adolescentes**. Recife: O autor, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/10302/1/DISSERTACAO%20Elis%C3%A2ngela%20Lima%20Ara%C3%BAjo.pdf>. Acesso em: 11 out. 2021.

ARTEIRO, I. L. **A mulher e a maternidade**: um exercício de reinvenção. Universidade Católica de Pernambuco, pró-reitoria acadêmica, 2017. Disponível em: http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/973/5/isabela_lemos_arteiro_ribeiro_lins.pdf. Acesso em: 1 nov. 2021.

BADINTER, E. **O conflito**: a mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BARBOSA, P. Z.; ROCHA-COUTINHO, M. L. Ser mulher hoje: a visão de mulheres que não desejam ter filhos. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 3, p. 577-587, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822012000300011>. Acesso em: 4 nov. 2021.

BELTRAME, G. R.; DONELLI, T. M. S. Maternidade e carreira: desafios frente à conciliação de papéis. **Aletheia**, Canoas – RS, n. 38-39, p. 206-217, 2012.

Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942012000200017. Acesso em: 11 out. 2021.

BENTO, A.; V. Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas. **Revista JÁ**, Madeira, n. 65. p. 42-44, 2012. Disponível em: <http://www3.uma.pt/bento/Repositorio/Revisaodaliteratura.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2021.

CARVALHO, J. P. C. *et al.* **A romantização da maternidade**: uma forma de opressão de gênero. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/ebooks/senacorpus/2018/TRABALHO_EV103_MD3_SA3_ID316_23022018113230.pdf. Acesso em: 2 nov. 2021.

CÉSAR, R. C. B.; LOURES, A. F.; ANDRADE, B. B. S. A romantização da maternidade e a culpabilização da mulher. **Revista Mosaico**, v. 10, n. 2, p. 68-75, jul./dez. 2019. Disponível em: <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/1956/1342>. Acesso em: 25 out. 2021.

CIRNE, J.; HENRIQUES, M. **Viagem pela história 7**. Porto: Areal Editores, 2012.

CORRÊA, F. P.; SERRALHA, C. A. A depressão pós-parto e a figura materna: uma análise retrospectiva e contextual. **Acta. colomb. psicol.**, v. 18, n. 1, 2015. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0123-91552015000100011&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 4 nov. 2021.

DSM-V – **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorder**. American Psychiatric Association (APA), 2013.

FERRARI, R. S.; RIBEIRO, M. F. R. Ser mãe, ser pai: desafios na contemporaneidade. **Cad. psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 42, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952020000100014. Acesso em: 9 nov. 2021.

FONSECA, G. F. M.; MORAES, L. F. **Representação social da gravidez em mulheres primigestas assistidas no ambulatório de pré-natal da maternidade escola da UFRJ**. In: A psicologia na construção de uma sociedade mais justa. Paraná: Atena, 2020. Cap. 16. p. 182. Disponível em: <https://www.finersistemas.com/atenaeditora/index.php/admin/api/artigoPDF/31996>. Acesso em: 7 maio 2021.

GOSDEN, C. **Pré-história**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

LIMA, D. R. A inserção e participação das mulheres no processo histórico: a condição do feminino na pré-história. **Revista Historiador**, v. 8, n. 8, 2016. Disponível em: <https://www.revistahistoriador.com.br/index.php/principal/article/view/165/168>.

Acesso em: 8 nov. 2021.

MALDONADO, M. **Psicologia da gravidez**. São Paulo: Ideias & Letras, 2017.

MANO, M. K. As mulheres desiludidas: de Simone de Beauvoir à "ideologia de gênero". **Cadernos Pagu**, n. 56, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201900560024>. Acesso em: 1 nov. 2021.

OLIVEIRA, A. C. M. A evolução da mulher no Brasil do período da colônia à República. Seminário Internacional Fazendo Gênero, 11 & 13th Women's Worlds Congress. **Anais [...]**, Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1494945352_ARQUIVO_ArtigoCompleto-13MundodasMulhereseFazendoCidadania11.pdf. Acesso em: 10 out. 2021.

PESCE, L. R.; LOPES, R. C. S. "O lado B da maternidade": um estudo qualitativo a partir de blogs. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 1, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/50825/33489>. Acesso em: 23 maio 2021.

PIO, D.; A.; M.; CAPEL, M. S. Os significados do cuidado na gestação. **Rev. Psicol. Saúde**, Campo Grande, v. 7, n. 1, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2015000100010. Acesso em: 15 set. 2021.

PRENOVEAU, J. *et al.* Postpartum GAD is a risk factor for postpartum MDD: the course and longitudinal relationships of postpartum GAD and MDD. **Depression and anxiety**, v. 30, n. 6, p. 506-514, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1002/da.22040>. Acesso em: 2 nov. 2021.

RESENDE, D. K.; BEDRAN, P. M. AS construções da maternidade do período colonial à atualidade: uma breve revisão bibliográfica. **Revista Três Pontos**, v. 14, n. 1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistatrespontos/article/view/15232>. Acesso em 2 nov. 2021.

RODRIGUES, O. M. P. R.; SCHIAVO, R. A. Stress na gestação e no puerpério: uma correlação com a depressão pós-parto. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 33, n. 9, p. 252-257, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-72032011000900006>. Acesso em: 2 nov. 2021.

SCHWOCHOW, M. S. *et al.* Queixas iniciais no processo de psicoterapia pais-bebê. **Contextos Clínicos**, v. 12, n. 2, 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/198088>. Acesso em: 2 nov. 2021.

SCHARDOSIM, J. M.; HELDT, E. Escalas de rastreamento para depressão pós-parto: uma revisão sistemática. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 159-166, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1983-14472011000100021>. Acesso em: 5 nov. 2021.

SOUSA, L. P.; GUEDES, D. R. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 30, p. 87, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/PPDVW47HsgMgGQCCgYYfWgp/?lang=pt>. Acesso em: 1 nov. 2021.

SOUZA, B. M. S. *et al.* O puerpério e a mulher contemporânea: uma investigação sobre a vivência e os impactos da perda da autonomia. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v.16, n.1, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rsbph/v16n1/v16n1a10.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2021.

TEDESCHI, L. A. **As mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica**. Dourados, MS: Editora UFGD, 2012. p. 9. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/1046/1/as-mulheres-e-a-historia-uma-introducao-teorico-metodologica-losandro-antonio-teseschi.pdf>. Acesso em: 20 out. 2021.

VALE, A. A mulher e a pré-história: alguns apontamentos para questionar a tradição e a tradução da mulher-mãe e mulher-deusa na Arqueologia pré-histórica. **Conimbriga**, Coimbra, v. 54, p. 5-25, 2015. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/39124/1/A%20mulher%20e%20a%20pre%20historia.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2021.

Data do recebimento: 27 de abril de 2023

Data da avaliação: 18 de maio de 2023

Data de aceite: 18 de maio de 2023

1 Acadêmica do curso de Psicologia, Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL.

E-mail: maria.vitoriasc@outlook.com

2 Acadêmica do curso de Psicologia, Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL. E-mail: thaynarals@gmail.com

3 Professora do curso de Psicologia, Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL.

E-mail: karolline.pacheco@souunit.com.br